

Principal alvo foi o ministro Malan

Mas não foram poucos os fatos recentes que deflagraram, com três anos de antecedência, o debate eleitoral dentro da base. O acirramento da disputa entre os partidos aliados acabou criando um processo de autoflagelação do próprio Governo em que o principal alvo acabou sendo o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e a política econômica. Nem mesmo o PSDB tem evitado ataques ao ministro Malan, a começar pelo governador de São Paulo, Mário Covas, que está afirmando há duas semanas que o titular da Fazenda não será o candidato do partido para a sucessão de 2002.

Mas o governador paulista não foi o único cacique tucano que minou o nome de Malan no cenário nacional. O ministro da Saúde, José Serra, movimentou-se com a CPI dos medicamentos para cobrar do Ministério da Fazenda mais empenho no combate ao aumento de preços dos medicamentos. O PFL também não ficou atrás. Contra a política de austeridade do Governo, lançou a proposta de um salário-mínimo de US\$ 100 dólares, mesmo tendo que recuar no dia seguinte.

Em compensação, o PFL conseguiu emplacar no Governo o Fundo de Combate e Erra-

dicação à Pobreza, que chegou a ser criticado pelo FMI. Malan também acabou sendo bombardeado no debate sobre a desnacionalização da economia brasileira. Depois de tanto tiroteio, o ministro acabou levantando a bandeira branca. Por meio de um interlocutor, mandou um recado ao governador Covas. "Diga a ele que eu não vou ser candidato", insistiu Malan.

Apesar da tentativa de evitar o debate sobre sua sucessão, o presidente Fernando Henrique tem dito para diversos assessores que irá influir de forma decisiva no processo de escolha do seu substituto no Palácio do

Planalto. Dentro do Governo, a ordem é evitar a especulação de um candidato tucano com tanto tempo de antecedência. "É bom lembrar que os dois últimos presidentes surgiram no ano da eleição", observa um assessor palaciano. Mas o próprio Fernando Henrique já começa a descartar alguns nomes dentro do seu partido.

Recentemente, ele chegou a fazer uma análise política das três principais preferências do partido para a eleição de 2002. Fernando Henrique acha que nenhum dos três teria chance de ganhar a disputa. Sua opinião é que o mais

cotado da lista, o governador Mário Covas, está desanimado para entrar num desgastante debate eleitoral. No governador do Ceará, Tasso Jereissati, o Presidente não vê vontade política para enfrentar uma difícil disputa com o seu amigo Ciro Gomes (PPS).

Em relação as chances de Serra, o Presidente foi lacônico: "Não adianta Serra insistir no momento, que só ficará infeliz". Uma coisa é certa. O presidente Fernando Henrique já tem um nome em mente para sucedê-lo, mas tem mantido esse segredo guardado a sete chaves.